

NÚMERO 1

# LITORAL

*Revista Mensal de Cultura*



LISBOA ★ JUNHO ★ 1944

# SUMÁRIO

---

## POSIÇÃO

CASTELO BRANCO CHAVES:

UNIVERSALISMO, PARTICULARISMO OU COSMOPOLITISMO

FERNANDO PESSOA:

UMA POESIA INÉDITA

DELFIN SANTOS:

CULTURA COMO AUTENTICIDADE

MIGUEL TORGA:

CIGANOS (Poesia)

ANTÓNIO MADEIRA:

MAREZIA (Conto)

RIBEIRO COUTO:

A MENSAGEM DO LUSÍADA  
ANTÓNIO NOBRE

CARLOS QUEIROZ:

TRÊS POESIAS

DIOGO DE MACEDO:

O PINTOR EDUARDO VIANA

ALVARO RIBEIRO:

DISCUSSÃO DA LITERATURA

DOCUMENTOS \* CRÓNICAS  
CRÍTICAS \* COMENTÁRIOS

Correspondência inédita de ANTÓNIO NOBRE \* Parar, reparar e admirar: VITORINO NEMÉSIO \* O Público e a Arte: ADRIANO DE GUSMÃO \* O grande equívoco da Arte Moderna: F. DE LISBOA \* A Convenção Ortográfica Luso-Brasileira: C. S. \* O Jantar dos Treze e o Homem Cordial: PEREGRINO JÚNIOR \* Bailados Dalcrozianos: LUÍS REIS SANTOS \* «Manuel Bandeira», por Casais Monteiro: JORGE DE SENA \* Notas

---

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Portugal e Ilhas Adjacentes (6 e 12 N.<sup>os</sup>):  
55\$00 e 110\$00. Colónias e Brasil (12 N.<sup>os</sup>):  
120\$00. Estrangeiro: 120\$00 e 240\$00.

NÚMERO AVULSO

**10\$00**



# CULTURA COMO AUTENTICIDADE

*por*

DEL FIM SANTOS

**P**ARA todos aquêles a quem, passada a década dos vinte aos trinta, surgiu como revelação desesperante o confronto dos sonhos com as realizações permitidas pela vida; para todos aquêles que, tendo a si próprios proposto certos ideais de cultura, sentiram que os tempos em que lhes foi dado viver trasmutaram radicalmente o sentido dêsses ideais, e os tornaram, se não inválidos, pelo menos inoportunos; para todos êsses que, apesar de tudo, não puderam desistir, também surgiu a necessidade de, mais uma vez, em sonda de aprofundamento, melhor se conhecerem, para melhor compreenderem o mundo estranho a que foram lançados, e melhor se prontarem para a hora do salvamento do que ainda é digno do esforço de ser salvo.

Mas, que vem a ser isso? — pode perguntar-se. Em muitas épocas da história o homem foi sensível à derrocada dos seus valores, em muitas épocas da história o homem se elegeu salvador do que merecia ser salvo e, ao fim e ao cabo, a história seguiu o caminho que bem lhe aprouve, sem consideração pelos juízos dos homens acêrca do que merecia permanecer ou desaparecer. Se isto é verdade, uma primeira conclusão se pode enunciar: o que merece ser salvo não é aquilo que está prestes a morrer, mas o que desponta e poderia morrer sem ter nascido, ou, evitando o paradoxo, sem



ter dado mostras da sua vitalidade e da sua capacidade de conformação de uma nova cultura.

Uma nova cultura. É aquilo por que, nos dias difíceis, todos esperam; é também aquilo para que muitos julgam contribuir, e é realmente o que não surge nem pode surgir. Uma cultura não se planeia. Uma cultura não é um acto de vontade. Podem revelar-se e relevar-se novos aspectos da cultura, podem pôr-se em circulação valores novos orientadores, em novo sentido, da cultura de um povo ou de um continente; no entanto, para que isso seja possível, e tenha realmente o carácter de renovação, é sempre necessária a integração ou, pelo menos, a aproximação da origem. Na verdade, ou o homem encontrou as coordenadas da sua acção como «sapiens», e todo o novo é florescência do processo vital originário das raízes; ou, sem raízes, isto é, sem fundamento, a sua pseudo-cultura é produto de curiosidade, é conjunto de opiniões sem linha sistemática, é acumulação de saber impeditiva de autenticidade. Cultura tem de ser, antes de mais, autenticidade, e esta só existe quando se busca a sua fundamentação originária. Tôdas as épocas da história, nas quais o mesmo interêsse de renovação, que hoje atormenta os homens conscientes da sua situação perante o mundo, se manifestou com maior ou menor intensidade, sempre se voltaram para a origem na reinterpretação dos fundamentos da autenticidade e na revitalização das raízes de que tudo depende. Nenhuma época histórica, na qual o aprofundamento do homem constitue a temática essencial da sua cultura, pode ser citada como excepção.

Falamos de cultura e não de civilização. Esta é, na verdade, sempre



nova e surge sempre como oposição ao antigo, considerado como velho. É uma força que destrói para se poder afirmar, tornando ridículo, pelo menos, tudo quanto oferece resistência ao novo. Se não confundirmos cultura com civilização, e se clarificarmos o critério da sua diferenciação, torna-se evidente o sentido oposto do seu progresso. A cultura interessa-se pela raiz, a civilização pelo último botão florescente. Este, porém, é efêmero; aquela permanente ou, pelo menos, perene. A curiosidade do homem do nosso tempo por tudo quanto é novo, no domínio da cultura, é transposição indevida de um critério útil apenas nos domínios da chamada civilização, onde a moda é valor respeitável. Por essa razão, o homem do nosso tempo é demasiado civilizado, é demasiado moderno. Lê os últimos livros aparecidos, e esqueceu os primeiros que apareceram. E, neste sentido, quanto mais lê, mais inculto se torna. Identificou o progresso da cultura com o progresso da civilização. Mas esta identificação é ilegítima, como ilegítima é também a identificação continuamente feita entre ciência e cultura. A ciência é, de facto, o mais extraordinário motor que a civilização tem ao seu serviço. Mas a ciência pouco tem que ver com a cultura. Quando se afirma a necessidade de uma «cultura científica», proclama-se um disparate. «Desinterêsse — pela ciência? — certamente que não. Trata-se, simplesmente, de evitar uma confusão quási geral nos nossos dias. O homem, para ser autenticamente homem, e merecer chamar-se «sapiens», não pode esquecer que é um processo binomial entre o passado e o futuro, entre a raiz e a flor.

Na história cultural da Europa há uma patente oposição de sentido nos ideais conformadores do homem. De um lado, um ideal de extroversão,



voltado para o conhecimento do que o rodeia, para melhor domínio e aproveitamento das forças da natureza; de outro lado, e em oposição, um interesse de intimização consigo mesmo e de aprofundamento das virtudes capazes de tornar o homem digno de ser chamado homem. O «sage», como chamaremos ao ideal orientador dêste último tipo, é um ideal pouco claro para a Europa, embora em muitos períodos da sua história alguns homens se aproximassem da sua realização por caminhos muitas vezes ínvios, diversos e divergentes. Êste chamamento dos homens à «sageza», ou à sapiência, ou à sabedoria, ou à prudência, ou à sofrosina, fêz-se ouvir já nos alvares do pensamento europeu, e marcou claramente a sua oposição ao ideal da ciência, ou ao sentido que a cultura ameaçava tomar nesses tempos e tomou realmente nos tempos posteriores. Não é, certamente, contra a ciência que tal apêlo é válido, repetimos, mas contra o esquecimento do binómio funcional a que uma cultura deve obedecer, para ser realmente cultura.

Aos homens foi permitido seguirem os dois caminhos propostos já na especulação da Grécia: o ter e o ser. O homem de ciência é o homem que possui, que tem conhecimentos, que se esquece a si na contemplação das suas posses, e as aumenta constantemente diante dos enigmas que elas vão destruindo e incorporando nos tesouros do seu saber ou erudição. O «sage», pelo contrário, é o homem que desvalorizou conscientemente a acumulação de saber e procura ser o mais difícil e mais meritório: um homem com interesses clarividentes para tudo quanto é humano e capaz de o tornar mais humano ainda. A caracterização dêstes dois tipos pode



fazer-se da seguinte maneira: o chamado homem de ciência, ou o homem que colocou como ideal a posse de saber, é sempre, no seu comportamento perante a vida e os outros homens, uma função do seu saber acumulado; o outro é uma função do saber que pròdigamente se gasta e se confessa como ignorância. A resultante destas duas atitudes manifestou-se em todos os tempos, e em todos os tempos marcou, indelèvelmente, a cultura europeia. Platão e Aristóteles, na antiguidade; Agostinho e Tomaz de Aquino, na idade média; Descartes e Pascal, na idade moderna; Kant e Nietzsche, com repercussão nos nossos dias, são os paradigmas a que tôdas as formas de cultura de natureza epocal se subordinam clara ou obscuramente. Hoje, a polémica entre ambos os tipos de formação continua e continuará em forma dialéctica, e a cada momento fundamenta a necessidade do «sage» como fermento indispensável de cultura.

¿Mas, por que razão o tipo de «sage», já definido, teve sempre uma forma precária de realização na Europa, enquanto na Ásia se «aclimatou» em formas perenes e mesmo definitivas? O homem ocidental descobriu, relativamente cedo, um princípio de segurança metódica no desvendamento prático da natureza e, ufano com os seus êxitos, teorizou «urbi et orbi» a sua prestigiosa qualidade de «homo sapiens». Cheio da sua fanática convicção, declarou-se a si próprio o ponto culminante de um processo evolutivo que lhe servia de pedestal. Ser senhor, dominar, foi o seu imperativo instintivo, servido dòcilmente pela razão. O princípio era simples: dividir para dominar, e duvidar de tôda a resistência apresentada pela realidade em forma de diferença. Caminho seguro êsse da redução do diferente a um



idêntico, pretendendo tudo absorver. E a ciência, com a dúvida metódica como auxiliar, foi o melhor caminho a seguir na redução de tudo e na aparente compreensão de tudo. Um obstáculo surgiu inesperadamente. Tudo isso sôbre que o homem exercia a sua actividade dominante pertencia à zona do universo que estava, ou poderia estar, de facto, sob o seu império. Nem tudo, porém, depende do homem. Há algo — tão obscuro e inominado que isso possa ser — de que o homem é dependente, que surge com inteira independência do seu querer, e o leva para onde êle não sabe. Aqui, o móbil seguro do progresso — a dúvida metódica — mostrou-se de pouca valia. A dúvida abre estradas em terras desconhecidas, que, antecipadamente, se sabe terem a firmeza de tôdas as terras.

Porém, os temas que começaram a torturar o homem — as possibilidades e os limites do saber, a orientação da sua actividade como homem com responsabilidade de ordem moral, e a incerteza acêrca do seu destino — depois de quebrados os sistemas dogmáticos de respostas insuficientes e insatisfatórias, levou-o à região abissal onde não há mais sinal de terra. E o homem desesperou-se. O desespero revelou-o a si próprio, na sua grandeza e na sua miséria, no seu saber e na sua ignorância, nas suas crenças e nas suas descrenças. E a via da «sageza» começou a ser sondada, na intenção de se esclarecer o mistério de ser homem. Homens surgiram dedicados à tarefa: Agostinho, Pascal, Kierkegaard, Nietzsche, Unamuno... E que nos disseram? — que o homem se tinha enganado; que o homem não era o que julgava ser; que há outras vias, pouco ou nada exploradas, valendo a pena seguir, e que o desespero é condição essencial do homem. Viver não



é comodamente aderir, viver é procurar o «nada» que dá sentido à vida. A ciência é apenas ciência, e o orgulho da ciência é ruína da alma. O homem não é elo de cadeia nenhuma, e, afinal, o orgulho confiante da sua existência é um equívoco. A forma e o fim da sua glória é a solidão. Mas o desespero leva a diferentes caminhos: o desespero de Prometeu, o desespero de Quixote e o desespero de Fausto.

Em qualquer dêles, porém, o homem procura-se como homem, e ouve a voz íntima do demónio do conhecimento do bem e do mal. E que lhe diz? — Não. Os caminhos seguidos não servem para todos os homens. Recomenda a perda da vergonha de não ser como os outros e reclama autenticidade. É desta mensagem que, na hora presente, precisamos de nos convencer. A autenticidade só nos é permitida na vida e pela vida; a cultura não pode continuar a ser contemplação distante do exótico, nem contacto imediato com o próximo, mas trabalho de arado na própria terra. Nesta busca ansiosa de clarificação dos valores de que dependemos, há, certamente, desespero e dor, mas só a dor e o desespero são indícios de criação. De outra maneira não falemos de cultura; enganamo-nos e enganamos os outros. A cultura não é o que vulgarmente se julga, e não depende do muito saber transmitido pela leitura. A cultura é o ambiente da personalidade; enquanto no homem esta não nasce, não se forma aquela. Isto é quasi esquecido por todos no nosso mundo de hoje. Mas é precisamente disto que o «sage» nos fala quando, desde Sócrates, nos transmite o segredo revelado pelo demónio: — «Não julgues que, pela história ou pela erudição de qualquer aspecto do saber, conseguirás fazer brotar em ti os sinais



da autêntica personalidade. A história serve-te e a erudição pode servir-te, mas não queiras servir nem uma nem outra. É em ti primeiro, e contigo em todos os outros, que deves tornar claro o móbil da tua acção e da tua passagem pela terra. É difícil? Mas é o único bem que merece ser salvo, porque é, dentre tôdas as coisas, a única que pode servir-te a ti e aos outros: o conhecimento do que no homem o torna verdadeiramente humano. E só então serás aquilo que podes ser».



## **NÚMEROS ESPECIAIS**

LITORAL começará a publicar, dentro de poucos meses, números especialmente dedicados a significativas personalidades e obras de Autores contemporâneos, portugueses e brasileiros, tais como: EÇA DE QUEIROZ (número comemorativo do centenário), RAUL BRANDÃO, LEONARDO COIMBRA, TEIXEIRA DE PASCOAES, FERNANDO PESSOA, GILBERTO FREYRE, MANUEL BANDEIRA, etc.